

## PROPOSTA 1



Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144.113963.488356901209621/1355564494488853/?type=3&theater>. Acesso em: 03 maio 2017.

O medo é um sentimento muito presente na realidade atual, uma vez que, tanto do ponto de vista de nossa segurança material como de nossa integridade psicológica, somos invariavelmente colocados à prova em nosso cotidiano. Ainda assim, há quem julgue que o medo é fator importante para que as pessoas se mantenham em alerta, consigam se precaver dos perigos e, até, sintam-se impulsionadas a superar-se.

## TAREFA

Com base nessas considerações, redija um texto argumentativo em que você responda à seguinte questão:

- **Em sua opinião, o medo é um sentimento que paralisa as pessoas, impedindo-as de agir, ou, ao contrário, é um sentimento que as motiva e faz com que tomem atitudes?**
- **Fundamente sua tese em argumentos consistentes**

# Textos de apoio para a proposta 1

## Texto 1

### Medo

O medo é uma reação de alerta muito importante para a sobrevivência dos seres humanos, mas, em alguns casos, pode tornar-se paralisante.

#### O que é medo?

As definições dos dicionários indicam que a palavra medo significa uma espécie de perturbação diante da ideia de que se está exposto a algum tipo de perigo, que pode ser real ou não. Pode-se entender, ainda, o medo enquanto um estado de apreensão, de atenção, à espera de que algo ruim vá acontecer.

Para além das definições da palavra, o medo é uma sensação. Essa sensação está ligada a um estado em que o organismo se coloca em alerta, diante de algo que se acredita ser uma ameaça.

O medo é um estado de alerta extremamente importante para a sobrevivência humana. Uma pessoa sem medo nenhum pode se expor a situações extremamente perigosas, arriscando a própria vida, sem medir as possíveis consequências trágicas de seus atos.

#### Como o organismo reage ao medo?

O medo é uma sensação em consequência da liberação de hormônios como a adrenalina, que causam imediata aceleração dos batimentos cardíacos. É uma resposta do organismo a uma estimulação aversiva, física ou mental, cuja função é preparar o sujeito para uma possível luta ou fuga. Antes de sentir medo, a pessoa experimenta a ansiedade, que é uma antecipação do estado de alerta. Entre outras reações fisiológicas em relação ao medo, podemos citar o ressecamento dos lábios, o empalidecimento da pele, as contrações musculares involuntárias, como tremedeiras, entre outros.

Em alguns casos, o organismo reage de forma exagerada ao medo, fazendo com que esse estado de

alerta, benéfico em muitos momentos da vida, transforme-se em um estado patológico, quando o medo se transforma em fobia. A fobia é uma antecipação do medo ou da ansiedade. Sua característica mais importante é o comprometimento da relação que o sujeito estabelece com o mundo que o cerca. No caso da fobia, o medo não prepara o indivíduo para decidir entre lutar ou fugir, ele o paralisa, impede que se relacione com o objeto de seu medo.

#### O medo deve ser tratado?

Não se fala em tratamento para o medo, a não ser nos casos em que ele se torna irracional, como na fobia. Nesses casos, o tratamento mais conhecido em psicoterapia é a Dessensibilização Sistemática, que consiste numa aproximação sucessiva do sujeito em relação ao seu objeto de pavor. Por exemplo, se uma pessoa desenvolve fobia a viajar de avião, a técnica propõe exposições que gradualmente se aproximam da viagem, como balançar, olhar para baixo de um andar alto, entrar em um avião estacionado, até que finalmente a pessoa aceite e consiga realizar a viagem. Não é um tratamento fácil, requer dedicação de paciente e terapeuta, mas mostra resultados bastante significativos. Outros tratamentos são baseados em teorias, como as que propõem a origem do medo ou da fobia em traumas do passado, reais ou imaginários. Nesses casos, quando se consegue compreender o trauma em seus mais diversos significados, os medos tendem a diminuir significativamente. De qualquer forma, qualquer tratamento visa a diminuir a níveis normais ou mais equilibrados a resposta de alerta que o medo gera. [...]

Juliana Spinelli Ferrari

Colaboradora Brasil Escola

(Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/psicologia/medo.htm>. Acesso em 03 maio 2017. Adaptação.)

## Texto 2

### Significado de Medo

#### O que é o Medo

Medo é um estado emocional que surge em resposta à consciência perante uma situação de eventual perigo. A ideia de que algo ou alguma coisa possa ameaçar a segurança ou a vida de alguém faz com que o cérebro ative, involuntariamente, uma série de compostos químicos que provocam reações que caracterizam o medo. O aumento do batimento cardíaco, a aceleração da respiração e a contração muscular são algumas das características físicas desencadeadas pelo medo.

O medo é uma sensação de alerta de extrema importância para a sobrevivência das espécies, principalmente para o ser humano. Inconscientemente, as características físicas reproduzidas pelo sentimento de medo preparam o corpo para duas prováveis reações naturais: o confronto ou a fuga.

Normalmente, para surgir o medo, é necessária a presença de um estímulo que provoque ansiedade e

insegurança no indivíduo. Porém, em determinadas situações, o medo pode se desencadear apenas a partir da ideia em relação a algo que seja desagradável.

Nos seres humanos, o medo também pode ser provocado por razões sem fundamento ou lógica racional, quando estão baseadas em crenças populares ou lendas. O medo de fantasmas é um exemplo.

Existem diferentes tipos e níveis de medo, que podem ir desde uma ligeira ansiedade ou desconforto até o pavor total. As respostas do organismo também se apresentam de diferentes modos de acordo com a intensidade do medo.

Quando o medo passa a ser patológico, ou seja, quando afeta profundamente um indivíduo no âmbito físico, psicológico e social, os psicólogos podem diagnosticar a pessoa como portadora de uma fobia.

(Disponível em: <https://www.significados.com.br/medo/>. Acesso em: 30 abr. 2017.)

## Texto 3

### Cultura do medo, gerada pela violência, determina vida do cidadão

IARA BIDERMAN  
*free-lance para a Folha*

Um fenômeno tão antigo quanto o mundo, em pouco mais de uma década, mudou de cara. A violência é hoje diferente do que sempre foi, constatarem estudiosos do assunto. As teorias que a explicavam não dão mais conta do recado. Pela tese econômica, por exemplo, a razão da violência sempre foi a busca por ganho material (comida, dinheiro, carro, joia etc.). Pela via política, ela é entendida como instrumento de oposição ao sistema vigente, diz o cientista político Paulo Mesquita, do Instituto São Paulo Contra a Violência. E hoje?

Hoje ela é banal, democrática, funciona como meio de expressão, especialmente de jovens, ocupa muito bem o espaço da falta de valores sólidos e gera nos cidadãos uma tremenda obsessão pelo medo, entre outros atributos. Refletir sobre eles ajuda a per-

ceber como a violência determina a forma de viver e também ajuda a encontrar maneiras de escapar disso.

“A violência hoje é adotada como estilo de vida”, diz Mesquita. Surge sem motivo aparente, de forma gratuita. Para o psiquiatra e psicanalista David Levisky, vice-presidente do Instituto São Paulo Contra a Violência, a fragilidade e a transitoriedade de valores que criam a identidade do indivíduo são os responsáveis por esse novo caráter da violência.

“A pessoa não encontra valores que a dignifiquem”, seja na família, na escola ou nas instituições públicas. Dessa maneira, grupos se formam não em torno de uma ideologia, de uma ética comum – caso de gangues como a dos carecas e dos surfistas de trem. O que os une é a manifestação da violência em qualquer grau. “É a forma que encontram para expres-

sar suas tensões, angústias, para dizer eu existo”, diz o psiquiatra.

Já a banalização da violência, em que imagens e informações de dar medo se repetem sucessivamente no dia a dia – seja na rua ou dentro de casa – e na mídia, legitima a violência física como forma de solução de conflitos, como um valor de afirmação, diz Levisky. É o caso do pai que diz para o filho que apanhou do amigo na escola para que volte e dê o troco ao colega.

Os efeitos de comportamentos violentos são não apenas morais, mas fisiológicos. Em um estudo cujo objetivo era medir alterações hormonais em jovens expostos a cenas de violência, realizado na faculdade Cásper Líbero (SP), em 2000, foram constatadas variações significativas que condiziam com os testes de agressividade também realizados. Isso quer dizer que a exposição torna o jovem mais violento?

Segundo o autor do estudo, o especialista em psicofisiologia Kenji Toma, “há um risco real de prolongar a tendência agressiva e criar uma patologia social ou, então, criar uma insensibilidade à violência, que é absorvida passivamente e, no lugar de despertar a indignação, gera a apatia”, diz.

O estado de indiferença e insensibilidade está associado a um modelo político-econômico em que tudo é descartável, dos bens de consumo aos meios de sustento, como o emprego, diz a historiadora e secretária-geral do Instituto Carioca de Criminologia, Vera Malaguti. “Não há projeto nacional, políticas públicas, e as pessoas não podem nem ter projetos de vida. Vira um vale-tudo.”

Tal modelo dissolve as seguranças concretas das pessoas e gera uma insegurança difusa, que não tem onde se apoiar: há medo da fome, da guerra, de perder o emprego, do desastre ecológico.

### **“Desgovernança planetária”**

Para o economista Ladislau Dowbor, vive-se um momento de “desgovernança planetária”, em que as instituições e a legislação ficaram defasadas frente à velocidade com que os agentes da violência (de uma organização terrorista a uma multinacional que fraudou sua situação financeira) dominaram a tecnologia da informação.

“Com a internet, pode-se agenciar de prostituição infantil aos recursos financeiros de uma organização

como a Al Qaeda. Ou criar empresas virtuais que permitiram à multinacional Enron esconder sua situação financeira do governo, dos cidadãos e de seus próprios parceiros”, diz Dowbor. A nova violência é, também, globalizada.

“Toda esta insegurança global é canalizada para o medo do crime ou da violência urbana, que vira uma obsessão”, diz Malaguti. O medo generalizado, obsessivo e a nova violência difusa, que pode ser encontrada em qualquer lugar, se autoalimentam.

### **Reféns da violência**

Denis Mizne, diretor-executivo em São Paulo do Instituto Sou da Paz, faz referência a uma democratização do medo, que leva todos a se sentirem reféns da violência. “Isso mexe muito com a vida das pessoas e leva a reações irracionais, como armar-se ou se autoprotger sem se preocupar com a preservação da vida do outro”, diz Mizne.

Ele dá um exemplo bastante ilustrativo: após o atentado terrorista ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, houve um aumento de 40% na venda de armas nos Estados Unidos. O que as pessoas poderiam fazer com um rifle na hora em que dois aviões e um arranha-céu caíam sobre suas cabeças é uma pergunta que desafia as explicações da razão. Agora, o que alguns adolescentes norte-americanos realmente fizeram com um rifle na mão, matando seus colegas de escola, todos sabem.

As campanhas de desarmamento têm ocorrido, mas Mizne acha que é preciso mais: “Temos que desarmar o espírito”. E como se opera isso? Por meio de uma nova forma de educar – na família, na escola e na sociedade.

O educador Ubiratan D’Ambrósio, da Universidade de Campinas (Unicamp), explica: “Educação inclui mostrar que o diferente não é o nosso inimigo, não representa o perigo. O medo [da violência] gerou uma paranoia coletiva em que as relações humanas passam a ser de desconfiança, de animosidade. Estamos gastando muita energia, econômica e emocional, para nos defendermos de um inimigo que talvez nem exista”.

(Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u3272.shtml>. Acesso em: 05 maio. 2017.)

## PROPOSTA 2



Imagem disponível em: <http://historiadoensino.blogspot.com.br/2014/09/a-escolha-da-profissao-escolha-ou.html>. Acesso em: 05 maio 2017.

O mercado de trabalho, no mundo contemporâneo, apresenta uma série de desafios, principalmente para os jovens, que o encontram cada dia mais saturado. Em vista desse quadro, muitos jovens optam por seguir carreiras que privilegiem a obtenção de ganhos financeiros ou uma maior empregabilidade. Assim, eles, por vezes, deixam de lado seus sonhos, para viabilizar o seu sustento.

### TAREFA

Com base nessas considerações, redija um texto argumentativo em que você responda à seguinte questão:

- **Em sua opinião, os jovens, no mundo em que vivemos, podem realmente escolher uma carreira profissional de acordo com suas aspirações individuais, ou, por outro lado, são guiados pela necessidade de escolher uma profissão que lhes garanta um futuro materialmente confortável?**
  
- **Fundamente sua tese em argumentos consistentes.**

## Textos de apoio para a proposta 2

### Texto 1

*Edição do dia 21/04/2017*

*21/04/2017 08h48 - Atualizado em 21/04/2017 11h58*

#### **Brasil está entre os países que mais têm jovens no mercado de trabalho**

Esses jovens têm menos tempo para estudar. Muitos largam a escola e encontram dificuldade para se qualificar e obter emprego bem remunerado

O Brasil está entre os países que mais têm jovens no mercado de trabalho. Entrar tão cedo no mercado de trabalho prejudica os estudos. É que esses jovens têm menos tempo para se dedicar aos estudos e, pior, muitos até abandonam a escola. O resultado disso é uma dificuldade ainda maior para se qualificar e, no futuro, conseguir um emprego mais bem remunerado.

O trabalho na cozinha é temporário, até a estudante Ana Carolina Lima encontrar um emprego para pagar a faculdade de Engenharia, que ela ainda quer fazer. Ana não consegue ficar parada. Começou a trabalhar com 15 anos para ganhar o próprio dinheiro. Mas o custo dessa independência financeira era a dupla jornada: escola de manhã, trabalho à tarde, aos sábados e pouco tempo para estudar.

“Atrapalha bastante, eu acho que, se o jovem hoje em dia tem opção de estudar sem precisar trabalhar, é bem melhor, mas a realidade não é essa, a gente tem que trabalhar e estudar para ter o que a gente quer”, diz Ana Carolina.

A história da Ana é parecida com a de quase metade dos jovens brasileiros que têm de 15 a 16 anos. Uma pesquisa da Organização Para Cooperação de Desenvolvimento Econômico, a OCDE, mostrou que 43,7% desses adolescentes exercem algum tipo de atividade remunerada antes ou depois da escola. O número está bem acima da média dos países ricos que fazem parte da OCDE, que é de 23,3%.

Entre os 70 países pesquisados, o Brasil é o sexto com o maior número de jovens trabalhando. Fica atrás apenas de Tunísia, Costa Rica, Romênia, Tailândia e Peru.

Os especialistas em educação dizem que não tem jeito: começar a trabalhar tão jovem prejudica a vida escolar. Normalmente, esses são os alunos que mais atrasam, faltam ou repetem de ano. Isso quando não acabam simplesmente desistindo de estudar.

A presidente-executiva do movimento Todos Pela Educação, Priscila Cruz, diz que a situação é pior entre os alunos dos cursos noturnos, cuja maioria trabalha ou está à procura de emprego. Ela diz que não se trata apenas de passar de ano ou terminar o ensino médio. As falhas na formação prejudicam o futuro do estudante.

“Esse jovem que trabalha e que acaba até tendo um desempenho pior na escola porque tem menos tempo para se dedicar aos estudos acaba estudando menos, acaba muitas vezes até faltando na escola. Esse jovem está perdendo um período precioso da sua vida, que é um tempo e um espaço que ele não vai ter depois, na vida dele, para poder estudar e desenvolver habilidades importantíssimas para, inclusive, o mercado de trabalho”, diz Priscila Cruz.

Ainda segundo o relatório da OCDE, os jovens que estudam e trabalham apresentam uma tendência maior de não se sentirem enquadrados no ambiente escolar.

(Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/04/brasil-esta-entre-os-paises-que-mais-tem-jovens-no-mercado-de-trabalho.html>. Acesso em: 04 maio 2017. Adaptação.)

## Texto 2

### Maior desafio social do jovem brasileiro é acesso ao mercado de trabalho

*Criado em 17/12/2013*

No mundo, pessoas com menos de 24 anos equivalem à quase metade dos sete bilhões da população total, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU). No Brasil, o censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontou que a população de 15 a 24 anos somava 34.236.064 pessoas, o que equivale a 18% do total de brasileiros. No país, apesar da pequena diminuição no número de jovens na última década – o censo de 2000 apontou 34.081.330 de pessoas de 15 a 24 anos ou 20% da população total –, o desafio é propiciar a essa população condições para um crescimento social e profissional, principalmente no que diz respeito à educação e ao trabalho.

A juventude brasileira é caracterizada por heterogeneidade e desigualdades. De acordo com o relatório Trabalho Decente e Juventude no Brasil, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), “existem, na verdade, juventudes diversas, imersas em distintos cenários. As mulheres jovens, os jovens negros de ambos os sexos, assim como os jovens das áreas metropolitanas de baixa renda, ou de determinadas zonas rurais, são afetados de forma mais severa pela exclusão social, pela falta de oportunidades e pelo deficit de emprego de qualidade”.

A pedagoga Nádia Maciel Falcão, professora da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), concorda: “As dificuldades se aprofundam quando se operam recortes de renda, cor da pele, região de moradia e sexo”. As oportunidades, afirma ela, estão desigualmente distribuídas e a maioria dos jovens brasileiros não dispõe dos suportes necessários para que sigam com tranquilidade por esta etapa da vida e para que ampliem seus graus de autonomia e independência rumo à vida adulta.

“Para os jovens brasileiros, a exposição à violência, o acesso ao emprego e educação escolar de qualidade podem ser considerados os grandes desafios da atualidade. Mesmo que os problemas enfrentados nessas três dimensões não sejam exclusividade da juventude, é para essa categoria social que eles se aprofundam e têm efeitos diretos sobre os seus mo-

dos de viver as experiências presentes e projetar o futuro”, explica Falcão.

Para Maria de Livia Tommasi, doutora em Sociologia e professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), falta muito a ser feito no país para os jovens no âmbito das oportunidades de ingresso e permanência no mercado de trabalho. “Não há programa de inserção dos jovens no mercado de trabalho. A única política de fôlego tem sido a ampliação das universidades públicas e a facilitação do acesso ao ensino superior por meio do Prouni [Programa Universidade para Todos]”, ressalta.

#### Educação

O censo de 2010 do IBGE constatou que 9,6% da população com mais de 15 anos no Brasil é analfabeta. As diferenças aparecem entre as regiões do país: na Sudeste, a população analfabeta dessa faixa etária é de 5,4%; e, na Sul, de 5,1%. Os números aumentam no Centro-Oeste, com 7,2%; Norte, com 11,2%; e ainda mais no Nordeste, chegando a 19,1%.

As desigualdades no acesso ao sistema de educação no Brasil apareceram também por raça e cor. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE) de 2009, a taxa de analfabetismo entre jovens negros (3,4%) era duas vezes maior do que entre os brancos (1,4%). A disparidade também era grande entre os alunos de 15 a 17 anos: somente 43,5% dos jovens negros nessa idade frequentavam o Ensino Médio, contra 60,3% dos brancos.

Tommasi comenta que a escola não é somente um espaço de ensino-aprendizagem, mas é também um espaço de socialização fundamental para a juventude. “Infelizmente, as escolas de Ensino Médio se parecem mais com cursinhos pré-vestibulares, onde só se oferece um treinamento para passar no Enem [Exame Nacional do Ensino Médio] ou vestibular. Isso para quem tiver acesso ao ensino particular. Para a grande maioria, que frequenta o ensino público, a escola é um lugar inóspito, pouco interessante. Os conteúdos são muito distantes da vida dos jovens”, sinaliza.

## Trabalho

Entre 2000 e 2011, o número de jovens participando ativamente do mercado de trabalho caiu de 52,9% para 48,7%, segundo o relatório “A crise do emprego jovem: tempo de agir”, da OIT. O documento mostrava que houve um aumento no número de jovens nos sistemas educacionais, mas também que os dados refletem a crise econômica mundial. “No auge da crise, em 2009, a taxa de desemprego jovem alcançou o maior aumento anual desde que há registros. Num ano (entre 2008 e 2009), aumentou de 11,9% para 12,8%, representando o maior aumento anual nos últimos 20 anos.”

No Brasil, os jovens foram mais afetados pelas mudanças econômicas e sociais das décadas de 1980 e 1990: “O cenário de recuperação do emprego formal e de redução da informalidade, característico dos anos 2004 a 2008, não beneficiou os jovens da mesma forma que os adultos”, indica o documento da OIT.

As melhores formas de inserção profissional para os jovens, argumenta Falcão, são aquelas que não lhes impeçam de viver as experiências de outras dimensões constituintes da condição juvenil, entre as quais a formação escolar e o lazer. “Na maioria das vezes, a possibilidade de conciliação do trabalho com outras atividades só ocorre para aqueles jovens que estão inseridos formalmente no mundo do trabalho. A formalização do vínculo é um passo importante para que o jovem tenha garantias de jornada, remuneração e atividades reguladas”, afirma.

A inserção no mercado de trabalho durante a juventude, acrescenta a professora, quando respeitados os direitos do jovem trabalhador, representa para muitos a oportunidade de ampliação de redes e de sedimentação ou reformulação de projetos na área de formação ou de futuras inserções.

Segundo Tommasi, o ingresso no mercado de trabalho é o desafio de maior urgência para a juventude. Os jovens, afirma, devem ter acesso primeiramente

a uma formação profissional qualificada para poderem se inserir no mercado de trabalho em qualquer momento da vida depois dos 18 anos. “Deve-se garantir o direito ao trabalho dos jovens e não somente do que comumente se chama de ‘primeiro emprego’. O ingresso e permanência no mercado de trabalho é o principal desafio que enfrentam os jovens”, finaliza.

## Políticas públicas

A Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), criada em 2005, tem como objetivo formular, coordenar, integrar e articular políticas públicas para essa parcela da população, além de promover programas de cooperação com organismos nacionais e internacionais, públicos e privados, voltados às políticas juvenis. A SNJ coordena ainda a Política Nacional de Juventude (PNJ), que tem como função propor ações que insiram o jovem no debate da pauta nacional.

Conforme Tommasi, no entanto, os esforços nesse sentido ainda são extremamente tímidos. “Uma das políticas mais significativas dirigidas aos jovens é desenvolvida no âmbito da Prefeitura de São Paulo, o programa VAI (Valorização de Iniciativas Culturais), mas tem uma abrangência territorial limitada”, cita. Esse programa tem o objetivo de apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do município de São Paulo, desprovidas de recursos e equipamentos culturais.

Falcão ratifica essa opinião. “Apesar do avanço observado nos últimos anos, o tema continua sendo um grande desafio para o país, especialmente quando considerada a juventude de origem popular e os fatores de gênero, cor, região de origem e moradia. Temas como o emprego, exposição à violência, formação escolar de qualidade continuam a demandar políticas públicas de grande envergadura”, completa.

(Disponível em: <http://webaula.com.br/index.php/pt/acontece/noticias/3065-maior-desafio-social-do-jovem-brasileiro-e-acesso-ao-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 04 maio 2017.)



### Texto 3

*sexta-feira, 26 de setembro de 2014*

#### **A escolha da profissão: escolha ou imposição?**

Hoje acordei com esta pergunta na minha mente. Ela é resultado de uma conversa que tive com uma amiga, já há algum tempo, que comentou desgostosa que a escola não incentivava o aluno a seguir uma vocação, mas sim ter uma profissão lucrativa. Ela tem uma filha que deseja seguir carreira na área de humanas porque gosta, porque sente prazer, motivação. A menina é muito inteligente e decidida. Sabe realmente o que quer.

O que acontece é que a escola desmotiva esse tipo de escolha, e sem muita discriminação. Quando ela declarou a um professor sua vontade de fazer uma faculdade de Letras, na presença da mãe, ele disse que ela era inteligente, deveria tentar algo que desse dinheiro, como Medicina e Engenharia.

Inicialmente, o que me decepcionou no episódio foi o professor deixar claro que na área de Humanas estão os menos inteligentes ou menos competentes. Em segundo lugar, desprezar a escolha da menina porque “assim ela não vai ganhar dinheiro”, logo, não vai se realizar financeiramente. O investimento que os pais dela estão fazendo na sua educação seria, portanto, um desperdício.

Ora, em pleno século XXI, a escolha da profissão ainda é uma imposição social e econômica?

Se este é o caso, eu lamento muito pelos nossos jovens médicos e engenheiros, que cursaram faculdades a contragosto, seja para agradar as famílias, seja para satisfazer o desejo de ascensão econômica que a sociedade incentiva. Lamento ainda mais pelos clientes, que serão atendidos por médicos desgostosos do que fazem e por engenheiros que não se importam com o resultado dos seus projetos. Sem falar, claro, que esses profissionais abriram mão de serem bons profissionais em atividades que realmente lhes dariam satisfação, para alimentarem o desejo dos pais, transferido para eles, de ascensão.

E não vou culpar os pais exclusivamente pela escolha dos filhos. A escola tem uma parte enorme de responsabilidade nisso. Ela é formadora de opinião. O que dizer de um professor que diz em voz alta que não

quer que seus filhos sejam professores e que aconselha aos alunos buscar algo “que dê dinheiro”? Eu já ouvi muito isso.

Não vou negar aqui a necessidade que todos temos de ter um alicerce econômico. De ter dinheiro para pagar as contas final do mês. Eu estaria sendo hipócrita. Mas estou pensando nas consequências que traz uma escolha importante como essa, a escolha da futura profissão. Toda profissão é boa. Todo profissional deve procurar fazer aquilo em que tem aptidão. Enriquecer pode ser uma consequência da dedicação, e só se dedica quem gosta do que faz.

E do que adianta ter bens materiais sem a satisfação pessoal? Eu nunca me arrependi de ter optado pelo magistério. É lógico, eu gostaria de ter um salário melhor, condições de trabalho melhores e poder trabalhar menos para poder me dedicar mais. Eu tenho dias bons e ruins. Mas não imagino, nem quero me imaginar, sendo outra coisa, fazendo outra coisa.

A sociedade consumista e materialista está criando pessoas insensíveis, autômatos, que cumprem com sua obrigação e não conhecem satisfação. Que chegam em casa sem um sorriso para dar ao filho, porque seu trabalho é chato e estressante, e que compensa essa apatia com presentes. Que forjam relações em que o fator econômico sobressai sobre o humano.

Enfim, não sei se consegui expressar corretamente a minha inquietação, nem sei se ela é realmente procedente. Mas, como pessoa e profissional, eu sempre vou respeitar as opções dos meus alunos e espero que eles possam fazer o curso que realmente querem. E, se não quiserem ingressar em um curso superior, que possam ter uma profissão que lhes traga satisfação. Afinal, chegar em casa cansado, mas satisfeito, faz a vida de todo mundo ser melhor.

Vou finalizar com um exemplo que sempre me inspirou. Meu avô, que eu perdi quando tinha quinze anos, era pedreiro. Trabalha o dia todo, debaixo do

sol. Construiu sua casa e a casa dos filhos. Era um bom marido, um bom pai e um excelente avô. Ele saía cedo para trabalhar, voltava cansado, mas nunca chegou em casa com algo mais do que um sorriso no rosto. Nunca reclamou da profissão que tinha e sempre respeitou as escolhas dos filhos. Meu avô era um homem humilde, mas eu tenho certeza de que era um homem feliz e realizado.

*Postado por Natania A. S. Nogueira\* às 10:30*

*\*Professora.*

(Disponível em: <http://historiadoensino.blogspot.com.br/2014/09/a-escolha-da-profissao-escolha-ou.html>.  
Acesso em: 04 maio 2017. Adaptação.)